



## Manifestações de 2013: Uma análise dos comentários de Arnaldo Jabor e Rachel Sheherazade<sup>1</sup>

Monalisa França da SILVA<sup>2</sup>

Bianca Judice de LELES<sup>3</sup>

Geane Aparecida Durante AMARAL<sup>4</sup>

Kennedy Rosa da COSTA<sup>5</sup>

Luisa Caleffi PEREIRA<sup>6</sup>

Tarcis Duarte de SOUZA<sup>7</sup>

Sandra Sueli Garcia de SOUSA<sup>8</sup>

Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia/MG

### RESUMO

Este artigo analisa as opiniões dos comentaristas Arnaldo Jabor, do Jornal da Globo, e Rachel Sheherazade, do Jornal SBT Brasil, sobre as manifestações de junho de 2013. Visando identificar as características textuais explícitas e implícitas em seus discursos, este trabalho busca, através da Análise de Discurso Crítica, perceber os contextos ideológicos que caracterizam as proximidades e distâncias nos discursos desses dois jornalistas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Manifestações; Jornalismo Opinativo; Análise do Discurso; Telejornalismo; Comentário.

### 1 Introdução

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ01 – Jornalismo do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 19 a 21 de junho de 2015.

<sup>2</sup> Graduanda do 5º período do curso de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: [monalisa\\_francaa@hotmail.com](mailto:monalisa_francaa@hotmail.com).

<sup>3</sup> Graduanda do 5º período do curso de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: [bibileles@hotmail.com](mailto:bibileles@hotmail.com).

<sup>4</sup> Graduanda do 5º período do curso de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: [geanedurante@yahoo.com.br](mailto:geanedurante@yahoo.com.br).

<sup>5</sup> Graduando do 5º período do curso de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: [kennedyrdcosta@hotmail.com](mailto:kennedyrdcosta@hotmail.com).

<sup>6</sup> Graduanda do 5º período do curso de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: [luisa.caleffip@gmail.com](mailto:luisa.caleffip@gmail.com).

<sup>7</sup> Graduando do 5º período do curso de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: [tarcis\\_duarte@hotmail.com](mailto:tarcis_duarte@hotmail.com)

<sup>8</sup> Orientadora do trabalho e professora do curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia. Doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. E-mail: [sandragarc@gmail.com](mailto:sandragarc@gmail.com).



No ano de 2013, nas principais capitais brasileiras surgiram manifestações populares que posteriormente se alastraram por todo o País. Conhecidas como “Manifestações de junho”, a princípio, reivindicavam a redução das tarifas de transporte público. Com a dimensão tomada pelo movimento, outras pautas também foram adicionadas, como a melhoria dos serviços públicos, a redução da violência urbana, preocupação com os custos da Copa do Mundo de 2014, entre outras.

Devido à adesão de milhares de pessoas, os protestos foram noticiados em grande escala pela imprensa brasileira e também pelos noticiários internacionais. Além da notícia é comum no telejornalismo a produção de comentários para expor a opinião do profissional ou do veículo de comunicação que ele representa, e são através deles que o jornalista é capaz de realizar “uma apreciação valorativa de determinados fatos” (MARQUES DE MELO, 2003, p. 113).

O presente artigo visa fazer uma análise comparativa entre os comentários feitos pelos jornalistas Arnaldo Jabor e Rachel Sheherazade, sobre o primeiro dia de eclosão das manifestações, nos telejornais “Jornal da Globo” e “SBT Brasil”, respectivamente. Para isso, serão fundamentais os conceitos desenvolvidos nos estudos sobre Jornalismo Opinativo.

Os comentários aqui analisados foram veiculados no dia 12 de junho de 2013, com duração de 1 minuto e 37 segundos e 55 segundos respectivamente. Com base na Análise de Discurso Crítica (ADC), investigaremos, nesses comentários, pistas textuais explícitas e implícitas que foram usadas para embasar a opinião de cada jornalista.

Em seguida, buscaremos identificar a ideologia presente por trás da construção do discurso de cada jornalista, pois desmistificando os discursos é possível decifrar as ideologias (WODAK, 2004).

Por fim, analisaremos até que ponto as opiniões dos jornalistas Arnaldo Jabor e Rachel Sheherazade se convergem ou se distanciam.

## **2 Fundamentação Teórica**

Vários autores subdividem o jornalismo em gêneros. Dentre eles, podemos encontrar o gênero “Opinativo”, que segundo Campos (2009), além de informar, o jornalismo tem “o direito e o dever de opinar”, o que confere maior liberdade ao jornalista no momento de dar a notícia. Entretanto, essa liberdade exige também maior responsabilidade. Para Beltrão, a opinião:



valoriza e engrandece a atividade do jornalista, pois quando expressa com honestidade e dignidade, com a reta intenção de orientar o leitor, sem tergiversar ou violentar a sacralidade das ocorrências, se torna fator importante na opção da comunidade pelo mais seguro caminho à obtenção do bem-estar e da harmonia social (BELTRÃO,1980, p.14).

Marques de Melo e Assis (2010, p. 97) pontuam que “os textos opinativos, em geral, se originam em algum acontecimento noticiado pelos textos informativos”. Além disso, Marques de Melo (2003) acredita que o gênero opinativo é como uma reação às notícias, propagar as próprias opiniões ou aquelas que se vê, lê e ouve. Existem oito tipos de textos opinativos que vão de editoriais às crônicas, passando por resenha ou crítica, coluna, caricatura, carta, artigo e comentário.

Situado no âmbito do gênero opinativo, o subgênero comentário surge nos anos de 1950 e foi introduzido principalmente no telejornalismo e no radiojornalismo. O comentário é uma abertura para que o próprio jornalista faça uma apreciação sobre os fatos noticiados, utilizando sua própria ótica.

Na verdade o comentário tem sua própria especificidade enquanto estrutura narrativa do cotidiano. Trata-se de um gênero que mantém vinculação estreita com a atualidade, sendo produzido em cima dos fatos que estão ocorrendo. Vem junto com a própria notícia. Por isso é difícil de ser realizado, exigindo muita argúcia no sentido de evitar prognósticos não confirmáveis. (MARQUES DE MELO, 2003, p.115)

No Brasil, várias emissoras já abriram espaço em seus telejornais para a opinião dos jornalistas da casa, que articulam comentários sobre algum fato noticioso do dia, utilizando de uma “linguagem direta, coloquial, mas sem dúvida presa à construção verbal mais elaborada” (MARQUES DE MELO, 2003, p. 120).

Os comentários são extremamente subjetivos, justamente pelo fato de emitir uma opinião. Por trás deles, pode-se, certamente, ser encontrados os discursos que revelam as ideologias de seus emissores. Para Fairclough (2001, p.91), “o discurso é uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado”.

Fairclough é um dos fundadores da Análise de Discurso Crítica (ADC), que consiste em uma corrente teórico-metodológica que engloba os mais diversos campos do saber, pois depende do diálogo entre análise do discurso, proposições sociológicas,



políticas e antropológicas e uma teoria linguística, especificamente a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF).

Para Wodak (2004), a partir do momento em que se desmistificam os discursos, é possível que as ideologias sejam identificadas. E segundo Fairclough:

O discurso contribui para a constituição de todas as dimensões da estrutura social que, direta ou indiretamente, o moldam e o restringem: suas próprias normas e convenções, como também relações, identidades e instituições que lhe são subjacentes. O discurso é uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 91)

Utilizando-se da ADC, será possível neste trabalho não somente identificar os discursos implícitos nos comentários de Rachel Sheherazade e Arnaldo Jabor, como também ter uma visão mais ampla, aprofundada e crítica sobre eles.

### **3 Materiais e Métodos**

O ano de 2013 ficou marcado na história do Brasil pelas manifestações que ocorreram em todo o Brasil. No dia 6 de junho, os acontecimentos ganharam visibilidade, quando 5 mil pessoas fecharam a Avenida Paulista em São Paulo contra o aumento de 20 centavos na tarifa de ônibus do transporte público. Apesar dos protestos obterem seu auge em São Paulo no mês de junho, as manifestações espalharam para outras capitais. Uma pesquisa do Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (IBOPE), feita em sete estados e em Brasília, revelou que o transporte público, a corrupção e a redução das tarifas de ônibus configuravam entre as principais reivindicações da população.

Os jornalistas Arnaldo Jabor e Rachel Sheherazade teceram comentários em seus respectivos telejornais a respeito do protesto feito na Avenida Paulista. Arnaldo é comentarista do Jornal da Globo, na rede Globo, onde apresenta suas opiniões e críticas em diversas áreas. Rachel é âncora do telejornal SBT Brasil, mas também tece comentários sobre assuntos em destaque na atualidade. “O comentarista é geralmente um jornalista com grande experiência e tirocínio, que acompanha os fatos não apenas na sua aparência, mas possui dados sempre disponíveis ao cidadão comum.” (MELO, 2003, p. 112). Ambos os comentaristas geram bastante repercussão em seus comentários, visto que, defendem posicionamentos a respeito de temas polêmicos de



maneira incisiva além de se valerem de marcas textuais, como a figura de linguagem ironia.

Para analisarmos através da Análise de Discurso Crítica esses dois comentários que compõem o *corpus* de análise, observaremos como alguns excertos presentes em suas falas contribuem para a formação de uma imagem positiva e/ou negativa sobre as manifestações e os manifestantes. Para isso, faz-se necessário um olhar atento à entonação, marcas linguísticas e indícios de posicionamento ideológico.

Além disso, examinaremos os termos utilizados para fazer referência às manifestações e aos manifestantes, por acreditar que as realizações linguísticas de caráter representacional dão suporte ao posicionamento individual de cada comentarista, visto que “a linguagem também é um meio de dominação e força social” (HABERMAS, 1977, p. 259).

Para Fairclough, “a intertextualidade é um assunto de recontextualização, um movimento de um contexto para outro, onde se forma outro contexto” (FAIRCLOUGH, 2003, p. 51, tradução nossa). Portanto, analisaremos também as relações intertextuais estabelecidas nos comentários, visto que, tanto Arnaldo quanto Rachel, fazem comparações das manifestações com acontecimentos externos.

#### **4 Análise dos Dados**

Durante seu comentário de 1 minuto e 37 segundos veiculado no dia 12 de junho de 2013 no Jornal da Globo, Arnaldo Jabor refere-se ao episódio do dia 06 de junho do mesmo ano, na Avenida Paulista, onde manifestantes protestavam contra o aumento de 0,20 centavos na tarifa de ônibus<sup>9</sup>. Arnaldo inicia seu comentário com o questionamento: “Mas afinal, o que provoca um ódio tão violento contra a cidade?”. Logo nessa primeira fala, o comentarista caracteriza negativamente o movimento através da escolha do adjetivo “violento”, já dando indício de seu posicionamento desfavorável em relação ao mesmo.

Em seguida, Arnaldo se utiliza da intertextualidade para comparar a atitude dos manifestantes da Paulista aos ataques de facções criminosas (provavelmente o PCC) que já queimaram dezenas de ônibus em São Paulo. Acreditamos que a maneira como o comentarista realiza a comparação não aconteceu de forma aleatória e impensada, visto

---

<sup>9</sup> Vídeo disponível em: <http://goo.gl/3LgyQu>.



que “a intertextualidade é seletiva em relação ao que será incluído ou excluído dos eventos e dos discursos representados” (FAIRCLOUGH, 2003, p. 55, tradução nossa). Arnaldo ainda acrescenta: “Não pode ser por causa de 20 centavos”. Durante essa fala, o jornalista usa um tom de deboche, ironizando o aumento relativamente baixo que não faria tanta diferença assim no bolso dos manifestantes que, segundo ele, eram “filhos de classe média”.

Arnaldo afirma ainda que as pessoas que ali protestavam não precisavam daquele dinheiro relativo ao aumento da tarifa de ônibus. Em contrapartida, ele ressalta que os “pobres” ali presentes eram os policiais agredidos que, segundo ele, possuem salários ruins. A partir dessa colocação, pode-se inferir a intenção de Arnaldo em vitimizar apenas os policiais e, conseqüentemente, colocar a culpa nos manifestantes.

Para frisar que os manifestantes não tinham motivos reais que justificassem a revolta, Arnaldo se utiliza de palavras como “burrice” e “ignorância” para justificar o que, para ele, é um “rancor sem rumo”. Em seguida, o comentarista recorre à intertextualidade mais uma vez, fazendo menção aos protestos que aconteciam na mesma época na Turquia. Nesse momento, ele deixa claro a sua opinião de que a luta no país euro-asiático era “justa e importante” e a que acontecia no Brasil não.

Arnaldo Jabor elenca alguns fatores que, em sua opinião, justificariam coerentemente a revolta dos manifestantes, como a inflação, a fuga de capitais, os juros, o dólar em alta e o Projeto de Emenda Constitucional 37 (a PEC 37). Para ratificar sua opinião de que os manifestantes são “burros” e “ignorantes”, Arnaldo acrescenta com ironia: “talvez eles nem saibam o que é a PEC 37”.

Já no final de seu comentário, ele faz uma última relação intertextual, comparando o atual movimento com o socialismo dos anos de 1950, época da Guerra Fria. Porém, para ele, as manifestações da Avenida Paulista são apenas a “caricatura violenta da caricatura” desse socialismo. Ou seja, longe do que seria uma luta socialista de fato, para Jabor.

Por fim, o comentarista encerra seu comentário com uma fala enfática: “esses revoltosos de classe média não valem nem 20 centavos”, evidenciando sua opinião de que as manifestações não representavam a população como um todo e suas reais necessidades.

**Rachel Sheherazade**



O comentário de Rachel Sheherazade sobre o mesmo acontecimento na Avenida Paulista também foi veiculado no dia 12 de junho no SBT Brasil e possui 55 segundos<sup>10</sup>. “Protesto se faz com argumentos e se impõe pela razão”. Com essa afirmação, a jornalista inicia sua fala defendendo a legitimidade dos protestos. Mas, para ela, os manifestantes perderam sua razão a partir do momento em que deixaram o movimento encaminhar para o vandalismo. Defende, ainda, que o protesto violento prejudica somente a própria população, visto que “nem prefeito, nem governador usa transporte coletivo”.

Em seguida, Sheherazade afirma que os organizadores do Movimento Passe Livre, que luta pela gratuidade do transporte público, estão fazendo “uma vaquinha para livrar os arruaceiros do xadrez”. Podemos perceber traços que compõem um discurso de aversão presente na fala de Sheherazade que se tornam visíveis pelo uso das palavras “vaquinha”, “arruaceiros” e “xadrez”. Afinal, para Gil:

as escolhas lexicais [...] estão diretamente associadas a crenças, atitudes e ideologias dos interlocutores, o que significa que apontam diretamente para a realidade e para o entendimento de mundo dos enunciadores, podendo revelar estruturas sociais de dominação fundidas nas formas de vida cotidiana por meio dos discursos (GIL, 2008, p. 02)

A comentarista continua questionando o Movimento Passe Livre e argumenta que, de qualquer forma, alguém tem que “arcar com o 'prejuízo', seja adiando as despesas, seja com o aumento de impostos”. Com isso, finaliza o comentário com um questionamento em tom de voz diferente: “Será que esses protestantes não sabem que não existe almoço grátis?”. O uso da famosa expressão popular “não existe almoço grátis” traz à sua fala uma ironia que corrobora em seu posicionamento de contrariedade às manifestações ocorridas na Paulista.

## **5 Considerações Finais**

Através dessa análise das falas dos jornalistas, observamos que Arnaldo Jabor não vê motivos plausíveis para o movimento das Manifestações de junho, alegando que os manifestantes não sabiam sequer sobre o que protestar. Rachel Sheherazade, por sua vez, reconhece a legitimidade do ato de manifestar, mas se opõe à maneira como a manifestação da Avenida Paulista se desviou para o vandalismo.

---

<sup>10</sup> Comentário disponível na íntegra no canal oficial do SBT no YouTube: <http://goo.gl/PyxyMs>.



Apesar disso, chegamos à conclusão de que as escolhas lexicais de ambos reforçam a construção de um discurso de aversão ao movimento. Além disso, o recurso da intertextualidade, que traz realidades e comparações externas ao fato, faz com que os comentários assumam um caráter mais consistente e incisivo.

Com este trabalho, pudemos verificar que Arnaldo Jabor e Rachel Sheherazade não mantiveram o distanciamento necessário na formulação de seus comentários. “[...] O comentarista não é um julgador partidário, alguém que faz proselitismo ou doutrinação. [...] Orienta sem impor. Opina sem paixão. Conduz sem se alinhar” (MARQUES DE MELO, 2003, p.112). Vale ressaltar que ambos os jornalistas fazem parte de grandes veículos de comunicação de acesso gratuito, sendo acessível para grande parte da população, o que influi na repercussão de suas opiniões, exigindo um cuidado ainda maior na construção e apresentação do discurso.

## 6 Referências Bibliográficas

BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo Opinativo**. Porto Alegre: Sulina, 1980.

CAMPOS, Pedro Celso. **Gêneros do jornalismo e técnicas de entrevista**. 2009. Disponível em <<http://goo.gl/bDcKCL>>. Acesso em 18 de agosto de 2014.

FAIRCLOUGH, Norman. **Analysing Discourse: Textual analysis for social research**. Londres/Nova York; Routledge; 2003.

G1. **Resultados das manifestações de junho**. 2013. Disponível em: <<http://goo.gl/uo8mp>>. Acesso em: 20 ago. 2014.

GIL, Beatriz Daruj. Escolha lexical e ideologia em Bezerra da Silva. In: **Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa**, 2008, São Paulo. Anais do Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa, 2008.

HABERMAS, Jürgen. **Erkenntnis und interesse**. Frankfurt: Suhrkamp, 1977.

MARQUES DE MELO, José. **Jornalismo Opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro**. 3. ed. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003. 240 p.

WODAK, Ruth. **Do que trata a ACD: Um resumo de sua história, conceitos importantes e seus desenvolvimentos**. 2004. Disponível em: < <http://goo.gl/f7NDqc>>. Acesso em: 14 ago. 2014